

**NOVAS FORMAS ARTÍSTICAS LGBTQ: O CASO PABLO VITTAR****NEW LGBTQ ARTISTIC FORMS: THE PABLO VITTAR CASE****Walace Rodrigues****Resumo**

Este escrito busca explorar as novas formas de arte de artistas LGBTQ, tendo como caso de estudo as atuações performáticas do artista brasileiro Pablo Vittar. As discussões/reflexões aqui apresentadas originam-se da coleta de dados bibliográficos, socializando conhecimentos em torno das performances artísticas de cantoras atuais LGBTQ. Os resultados deste trabalho revelam que Vittar dá vida a performances artísticas alternativas aos discursos hegemônicos de poderes sociais heteronormativos, valorizando novas formas de fazeres artísticos. Isso através da música, da dança, da performance, da arte indumentária, da arte da maquiagem, entre outras artes.

**Palavras-chave:** Artes; Performance, LGBTQ.

**Abstract**

This paper seeks to explore the new forms of art by LGBTQ artists, using the performances of Brazilian artist Pablo Vittar as a case study. The discussions/thoughts presented here originate from the collection of bibliographic data to socialize knowledge around the artistic performances of current LGBTQ singers. The results of this work reveal that Vittar gives life to alternative artistic performances against hegemonic discourses of heteronormative social powers, revealing new forms of artistic practices. This happens through music, dance, performance, clothing art, makeup art, among other arts.

**Keywords:** Arts; Performance; LGBTQ.

**Introdução**

Este artigo nasce a partir de nossas observações acerca da popularidade de artistas performáticos LGBTQ nas redes sociais. Tomando o número de visualizações de vídeos de artistas LGBTQ na plataforma *Youtube* podemos verificar a popularidade de tais artistas e o alcance mundial de alguns deles, como é o caso de nosso objeto de estudo para este *paper*.

Ainda, este trabalho tem como objetivo pensar as performances artísticas de cantoras

LGBTQ brasileiras. Partimos do estudo de caso da performer Pablló Vittar, muito popular na mídia brasileira e entre os jovens.

Nosso estudo para este artigo parte de uma revisão bibliográfica sobre performance nas artes, androginia, poder, corpos e outros tópicos relevantes para a discussão do tema proposto. Nossa análise é qualitativa e busca dar conta de um ponto de vista mais amplo acerca da arte performática de Pablló Vittar.

### **Performances LGBTQ e Pablló Vittar**

Vale começar explicar sobre a sigla LGBTQ. Esta é uma sigla para lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros e *queers*. Esta é somente uma das várias siglas que incluem as mais diversas formas de identidades sexuais e de gênero. Aqui utilizamos a sigla LGBTQ porque é esta que Pablló Vittar (ver imagem 1) usa com mais frequência.

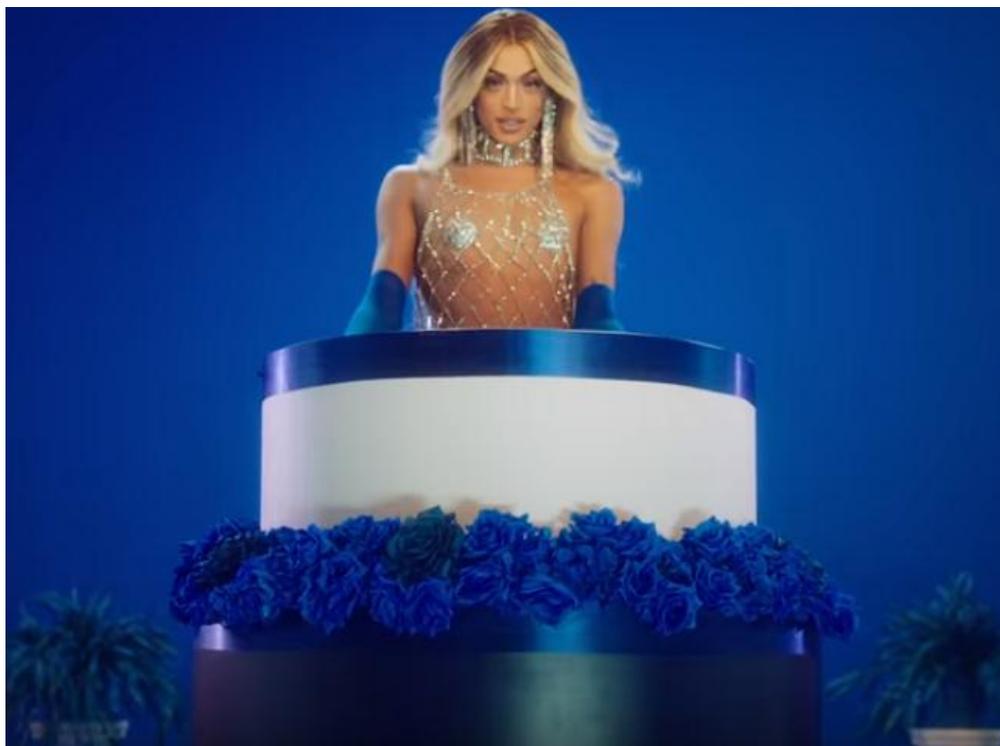


Imagem 1 - Pablló Vittar em cena do videoclipe “Parabéns”.  
Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=RAQmKOsonhc>

A sigla LGBT foi amplamente utilizada a partir dos fins da década de 1980. No entanto, ela sofreu alterações e inclusões várias, sendo possível ver várias formas de escrita, isso de acordo com os grupos representados pela sigla. A sigla que utilizamos aqui (LGBTQ) é originalmente de 1996, mas há muitas outras, como: LGBTI (que inclui pessoas intersexuais), levando também a LGBTIQ ou LGBTQI; LGBTQIA, LGBTA ou LGBTQA (incluindo assexuais, aromânticos ou simpatizantes e aliados); LGBTQIAP, LGBTQIAPN e LGBTPN (incluindo pansexuais, polisssexuais e pessoas não-binárias); LGBTQIAP+ (considerando as pessoas não abarcadas pelas iniciais anteriores); e em 2018 houve uma expansão para LGBTQQICAPF2K+.

Apareceu, a partir dos fins do século XX, no Brasil e no mundo, uma nova onda de artistas LGBTQ atuando nas mais diferentes formas de artes. No Brasil da atualidade, Pablllo Vittar é considerado por muitos como um ícone dessa nova onda de artistas cantores/as. Outras são, no caso brasileiro: Liniker, Linn da Quebrada, Urias, mulher Pepita, Kaya Conky, entre outros/as artistas contores/ras.

Quem é Pablllo Vittar? Com o nome de Phabullo Rodrigues da Silva, nasceu em São Luís do Maranhão, em 1 de novembro de 1993 e ficou conhecido artisticamente como Pablllo Vittar. Ela é uma cantora<sup>1</sup>, *drag queen*, performer, *makeup artist* (ver imagem 2), dançarino, entre outras atividades artísticas. Seus trabalhos são filmados em audiovisual e apresentados em videoclipes em diferentes plataformas na internet. Isso pode ser uma das razões que a fazem tão popular, pois seus videoclipes alcançam milhões de pessoas.

As performances de Vittar trabalham com um alto grau de teor sexual. Nota-se, em seus trabalhos, uma extraordinária abrangência de referências. Sua obra faz ponte com a produção de estrelas da pop música mundial como Madonna, Beyonce, Lady Gaga, entre outras personalidades; assim como a *drag queen* norte-americana RuPaul, entre muitas outras referências. Mas, vale lembrar que, apesar de todas as suas referências artísticas, nenhum uso artístico de um elemento é verdadeiramente equivalente a outros usos, fazendo com que os trabalhos de Vittar sejam singulares.

Aqui tratamos Vittar como um performer. Assim sendo, vale explicar que a arte de performance detêm uma riqueza criativa única e é uma forma de arte cheia de possibilidades artísticas,

---

<sup>1</sup> A trataremos na forma feminina a partir daqui. Isso porque ela apresenta-se no feminino e suas performances estão sempre incorporando formas femininas de comportamento, de vestuário, de sensualidade e de apresentação social.

já que se constitui como uma modalidade completamente aberta de fazer artístico:

Historiadores da arte não têm uma categoria pronta para colocar a performance, e com boa razão. A performance sempre se desenvolveu nas bordas de disciplinas como literatura, poesia, filme, teatro, música, arquitetura ou pintura. Ela envolveu vídeo, dança, slides e narrativas, e tem acontecido de forma individual ou coletiva, nas ruas, bares, teatros, galerias de arte ou museus. Como um meio permissivo e aberto, com variáveis infinitas, ela sempre foi atrativa aos artistas impacientes com as limitações das formas de arte já estabelecidas. (GOLDBERG, 1984, p. 24-25, tradução nossa)

Historicamente, podemos verificar que as experimentações vanguardistas com a utilização de performances foram as mais variadas, conforme informa-nos Richard Schechner (2006):

Progressivamente dentro e através do século XX, cada nova onda tentava desestabelecer o que estava acontecendo. Alguns dos vanguardistas de ontem são as normas de hoje. A lista de movimentos de vanguarda é longa e inclui o realismo, o naturalismo, o simbolismo, o futurismo, o surrealismo, o construtivismo, Dada, expressionismo, cubismo, teatro do absurdo, Happenings, Fluxus, teatro de ambiente, arte performática... e outros. (SCHECHNER, 2006, p. 40)

Ainda, as performances artísticas remetem-nos às nossas vidas, às nossas inquietações existenciais. Richard Schechner (2006) reafirma a relação da performance com a vida cotidiana. Talvez por isso a performance seja uma forma de arte tão contundente e tão arrebatadora de nossos sentidos e pensamentos. Conforme Schechner:

[...] também é verdade que muitos eventos e comportamentos são eventos que acontecem apenas uma vez. Seu “ineditismo” está em função do contexto, da recepção, e das ilimitadas maneiras que as parcelas de comportamento podem ser organizadas, executadas, e mostradas. O evento resultante pode parecer ser novo ou original, mas suas partes constituintes – quando bem separadas e analisadas – revelam-se **comportamentos restaurados**. A arte “igual à vida” - o jeito que Kaprow denomina a maior parte de sua obra – está bem próxima do que é a vida do dia a dia. Ligeiramente, a arte de Kaprow sublinha, acentua ou deixa alguém consciente do comportamento comum – prestando fixamente atenção a como uma refeição é preparada, olhando as pegadas deixadas para trás depois de andar num deserto. Prestar atenção às atividades simples executadas no agora é desenvolver uma consciência Zen com relação ao dia a dia, uma honra ao comum. Honrar o comum é notar como se parece com um ritual a vida cotidiana, o quanto da vida diária consiste-se de repetições. (SCHECHNER, 2006, p. 29)

Também, vale pensar que as performances não são objetos artísticos para serem comercializados. Elas renegam a valorização do mercado de arte aos objetos artísticos. O artista pode vender shows performáticos, produtos com sua face, fotos ou filmagens, mas não se pode comprar uma

performance. Ela é algo que acontece num determinado tempo e lugar e que não se repetirá da mesma maneira em outro tempo e lugar. Nicolas Bourriaud (2009) nos fala sobre esse ponto específico:

Essa transparência relativa, forma apriorística da troca artística, é insuportável para o carola. Sabe-se que qualquer produção, depois de ingressar no circuito das trocas, assume uma forma social que não guarda mais nenhuma relação com sua utilidade original: ela adquire um *valor de troca* que recobre e oculta parcialmente sua primeira “natureza”. Ora, uma obra de arte não tem função útil *a priori* (BOURRIAUD, 2009, p. 58)

Vale ressaltar que as performances em vídeo de Vittar sempre têm lindos corpos em movimento. Alguns destes corpos são sexualmente indefinidos/andróginos, transformados artificialmente ou exibindo atributos naturais. Segundo Rodrigues, o corpo humano sempre serviu de suporte para a arte:

A arte clássica estava cheia de corpos representados de maneiras as mais proporcionais possíveis. Também, o corpo foi, e ainda o é, usado como suporte nas pinturas corporais indígenas e nas performances ocidentais. Enfim, a utilização do corpo enquanto instrumento para passar uma mensagem artística não é algo novo (RODRIGUES, 2019, p. 19)

Vemos ainda, que a androginia é muito utilizada como mecanismo artístico para as performances desses artistas *queers*. Rodrigues fala-nos, também, um pouco sobre o uso da androginia nas artes brasileiras:

[...] a “androginia” pode ser vista como uma forma de apresentar-se socialmente, onde as pessoas não buscam características marcadamente femininas nem marcadamente masculinas, ou têm características consideradas do sexo oposto. Há uma “confusão” proposital entre uma aparência de homem e mulher, mesclando-se os traços masculinos e femininos. Muitas vezes não conseguimos definir o sexo que tem uma pessoa andrógina somente olhando para ela. Androginia não tem nada a ver com orientação sexual, mas com formas do comportamento e aparência individual na sociedade. Nas artes, androginia pode ser vista como um artifício utilizado em apresentações performáticas para compor personagens estranhamente inusitados e absurdamente irreverentes em relação às normas socialmente aceitas. (RODRIGUES, 2017, p. 236-237)

Vale destacar que as performances de Vittar podem ter cunho erótico, mas nunca obsceno. Sobre a diferença entre estes dois pontos em artes, Assis Brasil nos informa que:

[...] a arte, seja que temas ou “materiais” empregue para a sua execução, só deve ser apreciada e julgada de um ponto de vista estético, se é boa ou não, se a obra está realizada ou não – olhar exclusivamente o comportamento erótico ou pornográfico de uma obra de arte é assumir postura moralista, quase sempre comprometida com os grupos de poder e de censura.

(BRASIL, 1984, p. 81)

Também, nos videoclipes e nas apresentações de Vittar utilizam-se muita maquiagem colorida e *looks* vibrantes (com muitas cores primárias). Suas apresentações expressam as várias formas de orientação sexual e de uso das questões de gênero em artes. O termo orientação sexual diz respeito à forma como nos sentimos em relação à afetividade e à sexualidade. Os conceitos de bissexualidade, heterossexualidade, homossexualidade e assexualidade são alguns tipos de orientação sexual. O termo orientação sexual também é conhecido como orientação afetivo-sexual, uma vez que não diz respeito apenas a sexo.



Imagem 2 – Tutorial de maquiagem para a Vogue Magazine. “Brazilian Pop Star Pablllo Vittar's Spectacular 15-Minute Drag Transformation | Beauty Secrets”.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=zhlD5Fr8GIE>

Notamos, também, que a aberta sexualidade em arte auxilia na busca de respeito pelos “diferentes” e acaba por impor respeito (com sua sexualidade tão exposta). Vídeos com dezenas de milhões de visualizações em plataformas como o Youtube ajudam a popularizar Vittar e sua arte performática. Por exemplo, o videoclipe oficial da música "K.O.", de Pablllo Vittar tinha, em 03 de

fevereiro de 2020, na plataforma informada, mais de 350 milhões de visualizações; o vídeo de "Problema Seu" tinha mais de 88 milhões de visualizações; o videoclipe da música "Parabéns", com a participação de Psirico, tinha, na mesma data, mais de 53 milhões de visualizações; e o da música "Amor de Que" tinha mais de 42 milhões de visualizações também no mesmo dia. Isso faz de Vittar um fenômeno audiovisual na atualidade musical brasileira e mundial. E muitos mais videoclipes desta artista "bombam" na internet.

Neste sentido, podemos verificar que alguns artistas, antes no submundo cultural brasileiro, acabam por tomar para si as rédeas da cultura musical atual. Sobre submundo cultural, Rodrigues nos diz que:

O submundo cultural pode ser considerado como um mundo social “paralelo” àquele do dito “culturalmente normal”, visto por muitos como “menor”, “sem valor” ou “inferior”, porém constituindo uma realidade social legítima. Seus representantes estão à margem da sociedade burguesa e seguem padrões de comportamento considerados “inaceitáveis”. (RODRIGUES, 2017, p. 236)

Vale pensar, ainda, que os videoclipes e apresentações de Vittar auxiliam no combate à LGBTfobia, que é o preconceito em virtude da identidade de gênero ou orientação sexual. A LGBTfobia vai muito além da homofobia, abrangendo todos os grupos foras do "padrão social aceitável" de exposição corporal.

Lembramos que o poder social tenta controlar e padronizar nossos corpos, vestimentas e comportamentos. Dessa forma, a arte de Vittar tentar interrogar as instituições, interrogar o discurso e a prática a partir da subversão da heteronormatividade, e isso pode ser bastante construtivo artisticamente. Vittar constrói relatos artísticos alternativos aos discursos hegemônicos de poder, buscando flexibilizar as relações assimétricas de poder entre os “normais” e os “anormais” da sociedade para desarticulá-las. De acordo com Foucault, poder são as relações sociais:

O poder não é uma coisa. O poder são relações. O poder são relações entre indivíduos, uma relação que consiste que um pode conduzir a conduta do outro, determinar a conduta do outro. E determinada voluntariamente em função de uma série de objetivos que são seus. Dito de outra forma, quando olhamos o que é o poder, o poder é um exercício de governo, no sentido amplo do termo. Pode-se governar uma sociedade, pode-se governar um grupo, uma comunidade, uma família, e se pode governar alguém. Quando digo governar alguém é simplesmente no sentido de que se pode determinar sua conduta em função de estratégias, usando certas táticas. (FOUCAULT, 1981, s.p.)

Ainda, a influência de um fenômeno audiovisual como Vittar traz novas formas de compreensão da importância da internet enquanto mecanismo de divulgação de forças perturbadoras previstas pelas imagens com as quais nos confrontamos, os limites que nos ligam a elas. Tais imagens transformam a subcultura em cultura de consumo abrangente. Isso a partir de visões alternativas de mundo. Rodrigues fala que:

[...] em nosso entendimento, as pessoas que operam no submundo cultural de uma sociedade acabam por formar uma subcultura. Tal grupo de pessoas do submundo cultural trabalham dentro da lógica da contracultura, pois “combatem” a cultura padronizada (hegemônica) e os padrões do regime vigente. As pessoas que operam no submundo cultural, de alguma forma, lutam contra os mecanismos da cultura “dominante” que buscam moldar e homogeneizar os comportamentos sociais dos indivíduos (também em relação às questões de gênero). (RODRIGUES, 2017, p. 236)

Com esta visão, podemos verificar que as performances de Vittar ajudam a construir leituras positivas da diferença. As obras de Vittar geram seu próprio paradigma estético, provocando acontecimentos que produzam potências complexas na subjetividade coletiva e individual, e isto é de urgência vital, o que mexe com nossa libido, com nossa energia potencial de ação no mundo.

Portanto, a arte mostra nossa necessidade de deixar nossa marca no mundo, pois ela dá ao homem uma compreensão da dimensão precária e da complexidade do próprio homem. A arte nos deixa criar mundos imaginários, onde o artista entrega sua vida a aquilo que fez. Cada artista com sua qualidade ímpar, pois os homens diferem em qualidades. Daí perceber a riqueza da diferença.

Assim, a arte de Pabllo Vittar é a reafirmação de que cada um é diferente e pode fazer a diferença no mundo, pois: “Viver sendo quem nós somos é, por si só, uma forma de resistência ao que o sistema nos impõe. A arte é a respiração” (SAMUEL D'SABOIA apud MESQUITA, 2018, p. 92).

### **Considerações finais**

Este texto buscou trabalhar as performances artísticas de artistas *performers queers*, tendo as performances do brasileiro Pabllo Vittar como ponto central da discussão, já que Vittar tornou-se extremamente popular no meio musical brasileiro. Esse fato se confirma pelos altíssimos números de

visualizações de seus vídeos na plataforma Youtube.

Vimos que Vittar é um artista multifacetado e com inúmeras influências de outros artistas da área musical e da performance. Dessa forma, encaramos suas apresentações enquanto performances artísticas e as tomamos como uma *mélange* que abarca várias outras formas de arte, como a maquiagem, a dança, o canto, entre outras. Desta maneira, verificamos que há uma forma de “novidade” em seus trabalhos artísticos, pois ele canta, dança, interpreta e cria trabalhos inusitadamente criativos. Há uma singularidade em suas performances que o faz sobressair criativamente. Isto para além das performances de *drag queens* e artistas de semelhantes atividades.

Também, compreendemos a arte de Vittar como um mecanismo de imposição de respeito para com as minorias LGBTQ, subvertendo os rígidos padrões da heteronormatividade no Brasil. Ele parece construir relatos artísticos alternativos aos discursos hegemônicos de poder, desestabilizando as relações de poder socialmente estabelecidas sobre masculinidade e feminilidade. Algo extremamente importante, principalmente no momento político atual brasileiro, onde políticas públicas buscam inviabilizar minorias.

Concluindo, vemos que as performances de Pablo Vittar geram seu próprio paradigma estético, revelando a originalidade deste artista multifacetado e mostrando suas contribuições artísticas e sociais para a valorização dos grupos LGBTQ.

### **Referências bibliográficas**

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética relacional**. São Paulo: Martins, 2009.

BRASIL, Assis. **Dicionário do conhecimento estético**. Rio de Janeiro: Editora TecnoPrint S.A., 1984.

FOUCAULT, Michel. Entrevista com Michel Foucault na Universidade Católica de Louvain em 1981 – Trad. Santos. Berten entrevista Foucault (1981). **Clinicand**. Abril 15, 2018 por Anderson dos Santos. Disponível em: <<http://clinicand.com/2018/04/15/entrevista-com-michel-foucault/>>. Acesso em 04 fev. 2020.

GOLDBERG, Roselee. Performance: A Hidden History. IN: Battcock, Gregory and Nickas, Robert (ed). **The Art of Performance**. A Critical Anthology. New York: E. P. Dutton, pag. 24-36, 1984.

MESQUITA, Juliana. Óleo (e muito mais sobre tela). IN: **Revista GOL**. Número 201, dezembro de 2018, p. 92.

RODRIGUES, Wallace. A cultura andrógina no Brasil do final do século XX: Dzi Croquettes, Ney Matogrosso e Laura de Vison. **Revista Gênero**. Niterói, v.17, n.2, 1. sem. 2017, pág. 233 – 247. Disponível em: <<http://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31269/18358> >. Acesso em 04 fev. 2020.

RODRIGUES, Wallace. Um relato sobre corpos negros femininos em artes visuais pela via do pós-colonialismo. **Revista São Luís Orione**. ISSN: 2446-5062, volume 2, nº 14, 2019, pág. 14-23. Disponível em: <<https://seer.catolicaorione.edu.br:4443/index.php/revistaorione/article/view/130/104> >. Acesso em 07 fev. 2020.

SCHECHNER, Richard. O que é performance? IN: **Performance studies: an introduction**, second edition. New York & London: Routledge, 2006, pág. 28-51. Disponível em: <[http://www.performancesculturais.emac.ufg.br/up/378/o/O\\_QUE\\_EH\\_PERF\\_SCHECHNER.pdf](http://www.performancesculturais.emac.ufg.br/up/378/o/O_QUE_EH_PERF_SCHECHNER.pdf) >.